NOVAS MODALIDADES PARA ENSINAR LÍNGUA PORTUGUESA

Diva Conceição Ribeiro

Faculdade Doutor Leocádio José Correia - FALEC

Faculdades Integradas "Espírita" - FIES

www.diconri@yahoo.com.br

RESUMO

No mundo plural de 2010 é impossível desvincular as diferentes mídias do processo didático pedagógico da educação. O homem recebe informações e formação por meio de notícias impressas por imagens, pela televisão, a partir da década de 1960. No século XXI, torna-se inaceitável conviver alheio ao uso e domínio do computador e internet. Esse dual promove, no Universo, comunicação escrita por e-mail, web cam, msn e chats, orkut, dentre outros. A escola alertava sobre os malefícios causados pela comunicação televisiva e, ao aconselhar os pais à vigilância, responsabilizava a telinha pelos modismos, consumismo e comportamentos praticados no meio social. Estar em dia com os ditames da tv tornou-se requisito para pertencer aos grupos sociais "top de linha". Há duas décadas o jornal tornou-se o material pedagógico bem requisitado para as aulas de língua nos ensinos Fundamental e Médio. A escola, mantenedora de valores cristalizados, recebeu as novas mídias com restrições e manteve a fidelidade de leitura aos bons livros, à escrita cursiva e à sala de aula, espaço natural e indispensável à aquisição e repasse de conhecimentos acumulados. Atentos ao copiar x colar, os professores compreendem a necessidade da escola intervir e alimentar iniciativa, entendimento e produção de sentidos necessários ao desenvolvimento do aluno de ora em diante referenciado *aprendente* para contemplar o inverso de sua etimologia: ausência de luz; o emprego do vocábulo *aluno* permanecerá, entretanto, nas citações. Para ensinar a utilidade das novas mídias é fundamental que o professor se familiarize a elas, domine-as e assuma posicionamento pessoal, com o objetivo de se tornar e de formar o cidadão crítico, diante das novas linguagens e tecnologias da comunicação. Nosso trabalho mostra a utilização das novas mídias como possibilidades de ensinar língua com expressão dinâmica de uma vivência real seja com texto, televisivo, escrito ou verbal e que envolva a arte de falar e ser entendido, adequando as antigas habilidades às novas tecnologias com objetivo de aperfeiçoar a arte de ser, de fazer e de se relacionar na sociedade humana.

Palavras-Chave: Novas mídias, computador e internet, televisão e jornal

INTRODUÇÃO

No século XXI, a escola sistematizada há que refletir sobre as estratégias e as metodologias para o ensino das disciplinas frente às novas e sofisticadas mídias. Essas novas formas gráficas causam estranhamento por serem escritas de modo abreviado, como textos usados no e-mail, msn, chats ou outros canais virtuais. Para resolver o estado de inibição gerado pelo desconhecimento de como operar as novas máquinas, o professor deve conhecer, familiarizar-se, navegar, investigar programas e canais internetizados, a fim de entender como esses recentes equipamentos se situam no universo da informática. Trata-se de rever as práticas pedagógicas, cuja finalidade é oferecer ao aprendente o direito à cidadania, pois os meios de comunicação requerem docentes atuantes e eficientes operadores das diferentes mídias. Essas práticas convidam o aprendente a permanecer na escola por maior tempo para ler e refletir sobre notícias, jogos e uso do computador conectado à Internet, para entender o fazer, o saber fazer, como realizar e o porquê usar ferramentas da comunicação verbal e/ou escrita.

Professores pouco preparados para enfrentar o ensino em meio às novas mídias tornam a escola impotente diante do mundo plural e permanecem as justificativas sobre o fracasso da aprendizagem e da evasão escolar cujo enfoque fixa outros modernos entraves: a tecnologia.

À disciplina de Língua Portuguesa cabe clarificar o sentido da palavra e trabalhar aspectos linguísticos para compreender os mecanismos morfossintáticos e semânticos pelos quais a comunicação se concretiza. Esta é uma das formas seguras de não se permitir "controlar" pelo acentuado poder de persuasão exercido pelas mídias.

A escola sistematizada precisa planejar as estratégias aliadas às tecnologias a fim de melhorar o desempenho escolar em seus diferentes níveis de ensino no mundo real. Na era da tecnologia é impossível opor-se às modalidades comunicativas, representadas por imagens, outdoors, jornais, revistas, panfletos. Textos em diferentes tipologias e diversificados gêneros suprimem a escrita secular, para usá-la abreviada a registrar o modo pelo qual o homem do século XXI se comunica e acentua a existência, a presença, e a permanência da Internet no meio intelectualizado.

DA CARTILHA AO COMPUTADOR

Em outros tempos, os aprendentes eram presenteados com diferentes exercícios de leitura, do ouvir histórias infantis e contos de fadas, em sala de aula ou no pátio. Esperavam pelo momento de ir à escola e viver a hora da catarse. Naqueles dias, visitavam lugares mágicos; sofriam as dores da Gata Borralheira, o medo que sentiam João e Maria e o pé de feijão; sonhavam com o Gato de Botas e condenavam Chapeuzinho Vermelho por desobediência à mãe. Viajavam com o pão duro Tio Patinhas e viam-se, frequentemente, em sérias trapalhadas com o humilde e bonachão Pateta. Deleitavam-se com as leituras que os levavam à Terra do Nunca, ao Capitão Gancho e à Fada Sininho e, nessas oportunidades, pela reflexão, nascia a concepção de valores morais, instituíam e constituiam os paradigmas. Assim, na contemporaneidade, a intensa evolução tecnológica requer que a escola se adeque a essas inovações, pois ao surgir a tecnologia, surge, também, o momento de rever objetivos nas práticas de ensinar.

JORNAL E LEITURA

O uso de diferentes gêneros impressos como jornais, revistas, panfletos, fôlderes e propagandas demonstrou resultados interessantes e produtivos no ensino de ler com propriedade e senso crítico, atividade necessária em todas as disciplinas. Esses diferentes gêneros propõem diferentes leituras para análise, interpretação e produção de textos à luz da razão e à existência dos demais contextos. Segundo Maria Paula Parise Lauria:

> As competências leitoras e habilidades (...) permitem inferir que o ensino de Língua Portuguesa (...) busca desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura. (PCNEM, 1999, p. 55)

Desenvolver o hábito da leitura aliado à analise e reflexão sobre assuntos na mídia implica "aprimorar a competência gramatical do aluno, de modo a levá-lo a gerar sequências próprias, consideradas como admissíveis e aceitáveis no interior da Língua Portuguesa, bem como compreender enunciados distintos." (Op. Cit. idem, p. 57).

O projeto "O Jornal em sala de Aula[1]", mostra o interesse de professores comprometidos com o ensino de língua envolvidos com acontecimentos vivos no cotidiano.

O jornal é material riquíssimo e enriquecedor, porque é texto, palavra, comunicação, fato diário, vida! Trazer o jornal para a escola é trazer a realidade para as aulas e permitir que os alunos tomem ciência dos fatos, falem sobre eles, opinem e até desejem criar uma nova realidade para o mundo em que vivem. Além de ler, interpretar, reescrever notícias, a lista de atividades que podem ser realizadas é infinita, bastando ao professor permitir que o projeto seja criativo!

Para desenvolver a criatividade, o professor deve familiarizar-se ao mundo plural e nele reconhecer e respeitar a pluralidade linguística. Esse conhecimento permitirá trabalhar com o jornal, nas adequações da informalidade para a língua formal e vice-versa.

É possível trabalhar recorte e colagem com as turmas menores, falando sobre as imagens ou gerando palavras e sentenças com os recortes. Os cálculos podem ser realizados a partir dos recortes dos encartes comerciais, assim como as situações problemáticas ou o debate sobre o valor da vida e o valor do trabalho, salário X dignidade, violência, drogas, temas atuais(idem)[2].

Segundo Sarah Fernandes[3] "A utilização complementar de ensino melhora o hábito da leitura, aumenta a assimilação de conteúdo, amplia o vocabulário, eleva as notas, estimula o senso crítico e motiva os estudantes".

> Os jornais têm um futuro, e esse depende muito de movimentos estratégicos das próprias empresas como a preparação do leitor do futuro, o que pressupõe (...) também a formação do hábito da leitura de jornais, adquirido, em geral, em certos momentos críticos da vida das pessoas.
>
> No contexto brasileiro, o hábito se forma nas seguintes oportunidades: a familiaridade com a imprensa (desde a infância a partir da experiência doméstica com adultos que já o possuem), a necessidade de informação diversificada e de atualidade em virtude do vestibular e em função da atividade profissional. A essas circunstâncias soma–se uma quarta, que tende a ser extremamente rentável, que é o uso do jornal em apoio às atividades escolares. (...) de desenvolverem o espírito de cidadania.

Essas afirmações sinalizam para a validade de estudos de outros gêneros. Com o material de publicidade é possível motivar outros níveis de ensino como o

---

[1] Publicado na internet http://espacoeducar-liza.blogspot.com/2009/08/projeto-o-jornal-em-sala-de-aula.html acessado em 20/04/2010.

[2] (idem)

[3] Ibidem

Ensino Médio e o Ensino Superior, alvos interessantes para esse exercício. Segundo Amelia Hamze de Castro[4]:

> Educação. Um direito de todos os cidadãos. A base de uma vida futura, pessoal e profissional, dependente do aprendizado. (...) O aluno, ao ler um jornal, depara–se com a própria realidade, observando os acertos e erros que a sociedade e o indivíduo cometem. Facilitar o acesso do aluno aos meios de comunicação é fazê–lo ficar frente a frente com o mundo.

O uso desse material gera um mecanismo "vivo" para desenvolver o trabalho docente. Para a mesma estudiosa:

> O uso do jornal em sala de aula indica um novo contorno do pensar e agir por meio da leitura e manipulação do jornal na escola, com resultados admiravelmente positivos. Permite, principalmente para novos leitores, a chance de acesso ao recurso jornal, como um estímulo ao prazer de ler, vincula a realidade social e a natural concepção de alternativas para demonstração de atitudes cidadãs, por parte dos leitores, diante das informações por ele veiculadas.

Ao ler o jornal, os aprendentes podem, segundo suas concepções de mundo, discutir com o texto, opor-se e refutar os argumentos ou retomá-los para novas reflexões e aceitá-los. Castro afirma: "Consiste em promover, nas salas de aula, a leitura com mais prazer, com o manuseio de jornais do dia ou de dias anteriores". Tem-se a possibilidade de verificar o contexto em que a notícia ocorreu e confrontá-la com outros pontos de vista. Este é um incentivo para uma nova redação com base na opinião do discente.

> A ideia de utilizar o jornal como um instrumento pedagógico e levá-lo para dentro da sala de aula transforma-o em uma ferramenta prática para a motivação do ensino. O estudo e a leitura do jornal dentro de um contexto pedagógico do conteúdo, (...) é muito mais bem sucedido do que o simples uso do livro didático. Esse instrumento pedagógico forma um conjunto de cidadãos mais informados e participantes.(...) Essas atividades contribuem na forma de desenvolver a prática de leitura e ressaltam que "o uso do jornal em sala de aula, prioriza o desenvolvimento acadêmico pela informação e tem como objetivo originar uma leitura mais crítica, (...) esclarecer ao aluno a realidade dos problemas sociais, propiciar o desenvolvimento do raciocínio, aumentar a capacidade de questionamentos e abranger o conteúdo cultural".

O ensino de língua torna-se dinâmico e leva o aprendente à participação consciente e crítica na leitura das mídias. "O costume da leitura de jornais em sala de aula enriquece a capacidade de entendimento dos alunos, (...) ampliação do vocabulário e compreensão de textos, melhora a qualidade das intervenções verbais, alarga as informações do educando sobre o mundo e também sobre a comunidade onde vive[5]'.

Nesses discursos, as ideologias dominantes são identificadas. "O jornal, como ferramenta pedagógica, traz uma visão aberta e atualizada, um espaço de divulgação

---

[4] Castro, Amélia Hamze de, (www.pedagogia.brasilescola.com).
[5] Ibidem

de idéias, de comunicação de opinião e interesses e tem contorno multidisciplinar e interdisciplinar" e à transdisciplinaridade.

O jornal espelha o jogo de interesses da sociedade e o leitor compreende em que sociedade vive e quem são, ideologicamente, as pessoas com as quais convive. É um extraordinário material pedagógico porque traz para a sala de aula as necessidades reais da sociedade.

> O jornal reflete os valores, a ética, a cidadania, através dos mais variados temas e se torna assim um aparelho importante para o educando se colocar e se inserir na vida social, (...). O uso do jornal na escola atende a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), pois as matérias tratadas servem de base para o desenvolvimento dos temas transversais, (...) por exemplo, a questão da ética e da cidadania nos enfoques e tendências, que dão aos fatos e notícias. Ensina-se através do jornal, a leitura, a interpretação dos assuntos tratados sob um prisma reflexivo e crítico, propiciando aos alunos a oportunidade de se inserir no mundo através de uma janela de papel[6].

LIVRO DE PAPEL X LIVRO DIGITAL E TELEJORNAL

A leitura do livro digital difere da leitura dos livros de papel. Isto torna imprescindível transformar o pensar e o agir, e de definir que formação se deve planejar para o aprendente. Os livros de histórias que, intensamente, encantavam os discentes, agora fazem-no em menor grau frente às facilidades proporcionadas pelo computador e às informações trazidas com rapidez descompassada a mostrar ao leitor o espaço virtual onde se encontram as fontes para as pesquisas. Para Circe Bonatelli[7], da Agência Estado, em São Paulo (08-2010):

> O e-book - aparelho para leitura de livros em formato digital - ainda é desconhecido por 67% dos brasileiros, segundo pesquisa divulgada nesta quarta-feira, 18, pela GfK, empresa de pesquisa de mercado. O levantamento, realizado em maio com 1 mil pessoas maiores de 18 anos em 12 regiões metropolitanas, mostrou que o e-book é menos conhecido por pessoas das classes C e D (76%), habitantes da Região Nordeste (74%), mulheres (72%) e indivíduos com idades entre 45 e 55 anos (72%). Entre a parcela que conhece ou já ouviu falar dos livros digitais, 36% são jovens entre 18 e 24 anos, e 41% são entrevistados das regiões Norte e Centro-Oeste. A maior parte dos participantes da pesquisa, 71%, não acredita que sua chegada ao mercado seja uma ameaça ao livro tradicional.

A matéria online mostra a estatística dos dados levantados na pesquisa: "Ainda não está claro para as pessoas o que é o e-book, principalmente para aquelas que não têm acesso aos meios de comunicação como revistas e jornais". David Rodrigues, diretor de Desenvolvimento de Negócios da GfK afirma: "Essa pesquisa indica que, (...) as campanhas precisam

---

[6] Referências: Trindade, Antonio Alberto (sociólogo).
[7] http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/mais-de-60-dos-brasileiros-nao-sabem-o-que-e-e-book/157418.

atuar no primeiro passo: tornar conhecidos os leitores eletrônicos". Para Rodrigues[8], a pesquisa "é destinada ao mercado e a quem trabalha com inovação" .

O telejornal atrai parte da população e alguns deles ganham destaque nas redes televisivas. A TV veicula informações nem sempre apresentadas de forma neutra. Siqueira explica: "No contexto de uma sociedade que se posiciona em torno de informações, a comunicação ganha papel de destaque. (...) se insere nesse quadro como formas de divulgação de informação a grandes populações." (SIQUEIRA, 1999, p. 31). O telespectador, segundo a autora, "é considerado consumidor" (idem), mesmo no que diz respeito aos noticiários. Siqueira cita Muniz Sodré:

> Na matriz da comunicação e da informação, o cultural torna-se um instrumento puramente operador de fluxos sociais. A ordem do capital dispõe-se a organizar o socius através de relações de comunicação/informação (apoiadas em mass media: jornais, revistas, livros, discos, filmes, programas de televisão, imagens padronizadas) com conteúdo lúdico-culturalistas, ou seja, produtos híbridos de entretenimento e de referência à cultura burguesa clássica(SODRÉ, 1985, p. 28 apud SIQUEIRA, 1999, p. 28).

No noticiário televisivo, algumas estratégias são evidentes e provocam restrições por parte da sociedade. A fidelidade à leitura aos bons livros, à escrita cursiva e à sala de aula como fonte de aquisição cognitiva, conhecimentos indispensáveis à formação de leitores críticos e de homens socializados e participativos, permaneceram inalterados. Para Siqueira (1999, p. 24), "buscar um conceito mostra-se tarefa bastante ampla (...) poderia dar margem à interpretação de que haja uma[9] verdade. Como se trabalha com a idéia de ciência em construção, isso seria contraditório". Tem-se liberdade aparente para se construir diferentes e relativas verdades. Estas diante do avanço tecnológico sofrem alterações. A busca incansável, renovável e adaptável pelo conhecimento é definitiva na profissão do docente. Siqueira aborda claramente esse aspecto: "No contexto de uma sociedade que se posiciona em torno de informações, a comunicação ganha papel de destaque e (...) se insere nesse quadro como formas de divulgação de informação a grandes populações". (SIQUEIRA, 1999, p. 31)

ESTRATÉGIA DE LEITURA NA LINGUA DA TELENOVELA

Desde que se naturalizou fonte informativa obrigatória, a televisão adentra aos lares a partir da década de 1960. Siqueira evidencia as asserções de Martin Esslin: "O espectador da

---

[8] http://economia.estadao.com.br/noticias/not_32162.htm acessado em 18/08/2010.
[9] Manteve-se o grifo do autor.

televisão é estimulado a contemplar e não a refletir sobre a trivializada e superficial corrente de imagens transmitida" (SIQUEIRA, 1999, p. 58). Tomás Alea apud Siqueira afirma:

> Quando o espetáculo é contemplado como um objeto em si e nada mais, o espectador "contemplativo" pode satisfazer uma necessidade de desfrute, de gozo estético, mas sua atividade, expressa fundamentalmente numa aceitação ou rejeição do espetáculo, não supera o plano cultural. Este se oferece, então, como simples objeto de consumo e toda referência à realidade social que o condiciona se reduz a uma afirmação de seus valores, ou, (...) a uma "crítica" complacente (ALEA, 1984, p. 49 apud SIQUEIRA, 1999, p. 58).

A novela A Favorita mostrou a ingenuidade de Catarina na relação tempestuosa entre a filha, Mariana e Léo, pai e, respectivamente, seu marido. Dada à emancipação feminina, o fim sobre o suposto incesto na novela culmina por atribuir à Mariana a atitude de repulsa ao pai, fato percebido por minoria, ratificado pelos aprendentes de ADM[10]: nenhum destes o compreendeu nesse alcance. Após discutidos os pontos nas falas dos personagens foi possível perceber a força da leiturização como sustentáculo dos textos. O aprendente poderá permanecer no estado contemplativo e aceitar as informações ou refutá-las e assumir postura própria pela consistência dos argumentos.

Em Páginas da Vida, algumas falas dos personagens Helena, Nanda, Léo, Alex e Marta, vividos por Regina Duarte, Fernanda Vasconcelos, Thiago Rodrigues, Carlos Caruso e Lília Cabral mostraram a necessidade do espectador entender o contexto para dar sentido aos textos na dramaturgia. Os assuntos ocuparam um espaço velado, e demonstraram a necessidade de desenvolver a prática leitora voltada à decodificação das "entrelinhas". As atitudes de Marta, personagem considerada má, são carregadas de responsabilidade, amor, respeito pela família sendo ela o único membro familiar que preza o bem-estar dos seus. Dessa atividade, debates sobre ética, desqualificação do ser humano e prevalência do ócio sobre o trabalho, exibiu o ser humano com extraordinária capacidade de adequar ferramentas de comunicação para resolver ou esclarecer fatos surgidos na vida.

O estudo deteve-se na leitura dos gestos, dos olhares, das expressões, das palavras preferidas pelos atores e aplicou-se a sinonímia e a semântica para se chegar a um entendimento razoável. A perplexidade tomou conta do aprendente e gerou perplexidade. As imagens foram relembradas, apenas. Para Vani Moreira Kenski (2008): "Dependendo da motivação e do interesse de quem assiste, envolver-se no programa televisivo é interagir permanentemente com as imagens apresentadas na tela. Em um processo dinâmico e veloz, as imagens são concluídas em nossa mente com base nos estímulos visuais oferecidos." (KENSKI, 2008, p.38).

Segundo a autora, a comunicação, independente do canal de transmissão, requer decodificação com apurado senso crítico. As normas da sintaxe e da semântica precisam ser conhecidas para cumprirem sua finalidade. À escola há de ensinar como se faz a correlação das palavras, como se as entende e como elas se relacionam entre si nos períodos, nos parágrafos e no texto. Para a maioria da população, a instituição escolar é espaço e momento único para repassar saberes, principalmente às classes sociais menos privilegiadas. Ao estar preparado à interpretação do texto, o leitor fará uma leitura concreta da pluralidade das mensagens nas diferentes mídias. Para Kenski: "Motivados, reagimos fisicamente às cenas e informações que surgem. Sorrimos, choramos e nos emocionamos, ou contraímos de medo ou vibramos de alegria."(KENSKI, 2008, p.39).

> A grande diferença é que a mídia televisiva (...) encaminha a comunicação de forma unidirecional, (...) de um único emissor para muitos espectadores. Mesmo nos atuais programas interativos de televisão, o espectador pode opinar e interagir dentro de um limite definido de opções dispostas pelo programa."

No espaço entre o limite do programa e o espectador encontra-se o ponto de maior atuação escolar: preparar o aprendente para uma leitura eficiente e eficaz a fim de ler e fazer valer as práticas cognitivas da sintaxe, semântica, morfologia, frente às diferentes teorias auxiliares, posicionar-se diante das propostas dos programas, de textos na mídia impressa, de assumir o estado de ser cidadão crítico e definir-se pela interpretação que melhor lhe couber.

Para Vani Moreira Kenski (2008):

> Não basta adquirir a máquina, é preciso aprender a utilizá-la, a descobrir as melhores maneiras de obter das máquinas auxílio nas necessidades de seu usuário. É preciso buscar informações, realizar cursos, pedir ajuda aos mais experientes, enfim, utilizar os mais diferentes meios para aprender a se relacionar com a inovação, (...) começar a criar novas formas de uso e, daí, gerar outras utilizações. Essas novas aprendizagens, quando colocadas em prática, reorientam todos os nossos processos de descobertas, relações, valores e comportamentos. (KENSKI, 2008, p.44).

A criança familiariza-se às novas tecnologias e segue os estudos dentro da modernidade. Ratifica-se, portanto: o professor precisa se instrumentalizar para melhorar a competência didática, a ensinança e as transposições didáticas como meio de aproximar conteúdo, competência e conhecimentos em um mundo regido pela tecnologia. Segundo Perrenould, "Formar para as novas tecnologias é formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de memorizar e classificar, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação" (2000, p. 128). Essas considerações reafirmam que a escola tradicional ofereceu ao homem aquisições cognitivas para ele desenvolver e aperfeiçoar estratégias de uso do computador

---

[10] Curso de Administração de Empresa da Faculdade Doutor Leocádio José Correia – FALEC – em Curitiba-PR

com competência e eficácia em uma década e para que professores e escolas encampem a tecnologia como estratégias de ensinança. Ele afirma:

> Uma cultura tecnológica de base também é necessário(sic) para pensar as relações entre a evolução dos instrumentos informática e hipermídia, as competências intelectuais e a relação com o saber que a escola pretende formar. (...) sob esse ângulo, as tecnologias novas não poderiam ser indiferentes a nenhum professor, por modificarem as maneiras de viver, de se divertir, de se informar, de trabalhar e de pensar. Tal evolução afeta, portanto, as situações que os alunos enfrentam e enfrentarão, nas quais eles pretensamente mobilizam e mobilizarão o que aprenderam na escola. (PERRENOULD, 2000, p. 139).

Pesquisas permitem fragmentar e desfragmentar conceitos sobre o mundo da comunicação contemporânea, cujo universo estabelece, entre ambos, uma correlação. Noções como interface, interatividade, hipertexto, hipermídia, virtual, ciberespaço e cibercultura parecem indicar a redefinição do papel dos meios de comunicação nos contextos histórico e cultural, assim como um novo direcionamento das relações do homem com tudo que ele cria, da palavra como ordenação do pensamento ao moderno e sofisticado computador. Niskier (2008) afirma: "As mudanças contemporâneas advindas do uso das redes transformaram as relações com o saber."(NISKIER, 2008, p. 47). Para Pierre Levy "trabalhar quer dizer (...) aprender, transmitir saberes e produzir conhecimentos."(LEVY,1999 apud NIESKIER, 2008, p.47).

A autora mostra:

> A base da linguagem digital são os hipertextos, sequências em camadas de documentos interligados, que funcionam como páginas sem numeração e trazem informações variadas sobre determinado assunto. (...) Para alguns é possível "navegar" nas páginas e ter uma idéia superficial sobre o tema em leitura rápida(...) Se houver mais interesse, é possível clicar em sequências nas páginas e aprofundar as informações sobre o assunto." (Op cit., p. 32).

A hipertextualidade é uma *invenção* considerada moderna porque se encontram alguns registros históricos de sua estrutura narrativa em obras na Ciência, na literatura e na Filosofia. A concepção de hipertextualidade como ponto de convergência de outros conceitos, revela os limites e a falência do discurso entendido como lógico, acabado, fechado em si. As infinitas possibilidades de conexões entre trechos de textos e textos inteiros favorecem a flexibilização das fronteiras entre diferentes áreas do conhecimento ampliadas pelas relações entre os diferentes universos e contextos.

Na ciência tecnológica, livro texto e livros de histórias deixam de encantar o leitor com tal intensidade frente às facilidades que o computador apresenta com acesso a informações trazidas e, com descompassada rapidez, mostra ao leitor o lugar virtual onde estas se encontram para pesquisas.

INDISPENSABILIDADE DO COMPUTADOR

No mundo atual, é impossível dispensar o computador conectado à internet já que, por meio dele, pode-se promover a comunicação, entre internautas, por telefone, verbal ou pela escrita por email, web cam e msn em todo o Universo.

A criança contemporânea conta com a mais alta tecnologia do século: o computador. Este, aos professores mais idosos, torna-se uma dificuldade quase intransponível pela sofisticação da máquina, ou por desconhecer o uso adequado de ferramentas capazes de desenvolver estratégias complexas e produtivas. Segundo as considerações de Kenski(2008):

> Quando participamos de jogos interativos pelo computador ou entramos em salas de bate papo ou fóruns, quando conversamos por e-mail ou IQC, estamos vivenciando novos tipos de interação, em que estão presentes muito mais do que nossa capacidade de comunicação e de relação social. Conhecimentos, habilidades, valores, percepções e sentimentos são solicitados para chegar à melhor maneira de responder às solicitações nos jogos ou nos diálogos com outras pessoas. Não há limites previstos para os nossos desempenhos. (KENSKI, 2008, p.39).

Philippe Perrenould afirma: "A escola não pode ignorar o que se passa no mundo. (...) as novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC ou NTIC), transformam espetacularmente não só nossas maneiras de comunicar, mas também de trabalhar, de decidir, de pensar." (PERRENOULD, 2000, p. 125). Para Kenski (2008), "As novas TICs não são apenas meros suportes tecnológicos. Elas têm suas próprias lógicas, suas linguagens e maneiras particulares de comunicar-se com as capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas, intuitivas e comunicativas das pessoas." (KENSKI, 2008, p. 39).

Essas transformações corroboram para dar novas características ao modo de pensar em relação à formação que se deve oferecer ao aprendente, com suporte nas suas funções de interatividade social. Os objetivos devem estar bem definidos, pois os conhecimentos adquiridos não podem e nem devem ser descartados ou esquecidos, já que somados aos novos saberes, haverão de fundamentar o registro da história humana.

CONCEITO DE HIPERTEXTO

O conceito de hipertexto desafia a estrutura tradicional das competências da narrativa, cuja sequência, antecipadamente fixada, adentra ao mundo tecnológico do hipertexto, segundo sua estrutura: início, meio e fim. Conforme Landow (1991), o hipertexto põe em questionamento a sequência de coerências, a sucessão de fatos e os seus encadeamentos, assim como observa a ordem, ligação e coerência textual. A narrativa hipertextual oferece diferen-

tes leituras para o leitor construir ações sucessivas dentro do tempo e criar personagens com informações de referências.

O hipertexto é entendido como um conjunto de nós ligados por conexões que podem apresentar palavras, páginas, imagens, gráficos, sequências sonoras, documentos complexos com função própria de hipertexto cujos itens de formação são ligados linearmente, como em uma corda como nó, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Para Lévy (1993) o hipertexto é "uma maneira de leitor, que usa a tecnologia para interligar informações intuitivas e por associação por meio de saltos que marcam o movimento hipertextual (...) um papel ativo atuando ao mesmo tempo, como coautor". Ao abrir janelas do hipertexto, abrem-se novas formas de ler e de escrever, já que as informações estão disponibilizadas em outros estilos e podem destruir conceitos de linearidade.

Conklin (1987) apud Leiro (1994), explica a estrutura do hipertexto: "janelas na tela são associadas com objetos na base de dados e ligações (...) estabelecidas entre estes objetos, tanto graficamente, na forma de marcas rotuladas, como na base de dados na forma de ponteiros". Para Smith (1988) apud Leiro (1994), "hipertexto é uma abordagem da gestão de informação, na qual os dados são armazenados em uma rede de nós conectados por ligações(...) podem conter textos, gráficos, áudio e vídeo, (...) programas de computador ou outras formas de dados (...), gráficos, fotos, sons, narração ou sequência animada (vídeo). Os diferentes documentos de natureza (tipo) multimeios, recebe a designação de hipermídia.

UMA EXPERIÊNCIA VIVIDA NA INTERNET

O trabalho foi desenvolvido no espaço virtual e obteve autorização para seu uso, por email, no mês de junho de 2010, para ilustrar esta atividade. Houve algumas correções e manteve-se a informalidade gráfica para conservar o registro original do texto[11].

Em nossa proposta de trabalho, o aprendente visitou salas de bate-papo, msn, orkut, e consultou emails para entender como as pessoas conversam por esses canais e quais variedades de códigos linguísticos utilizam. Em novo encontro, essas atividades foram entregues, digitadas. Isto promoveu a reflexão sobre a atividade humana e ratificou a criatividade do homem.

---

[11] CAVASSIN, Millena. Curso de Administração. Faculdade Doutor Leocádio José Correia - FALEC-Curitiba-PR 1º ano, 1º período – 1º semestre de 2010.

A linguagem na tecnologia

A linguagem utilizada nos meios virtuais é, basicamente, composta de abreviações, das palavras, código já cristalizado e reconhecido no meio virtual pela agilidade e facilidade de escrita. Adolescentes utilizam essa linguagem que tem o nome de "internetês" onde se fala basicamente por códigos. Exemplos:

Por quê? pq? /blz? /Beleza? , qq–Qualquer, cmg/Comigo, bjs/ Beijos, tbm /também.

Ilustração 1

Essas são apenas algumas palavras abreviadas utilizadas em blogs, chats e MSN, incrivelmente hoje é falada por quase todos, criou-se um padrão e por isso se ampliou (...), porque é muito criativa e, a cada dia se formam símbolos que significam frases. Se um internauta escrever: Kd vc? O outro internauta compreenderá que a frase é: Cadê você? Cabe a cada um saber a maneira de escrever, se usando a língua "internetês" ou a padrão.

Acredito que não seja errada a forma de abreviarmos as palavras nos ambientes virtuais, desde que a escrita seja assimilada e compreendida pela outra pessoa, porém se necessário for a comunicação com um superior ou uma pessoa com quem não se tenha intimidade, nunca se deve fazer uso de abreviações ou gírias, e sempre manter a língua padrão. Se fizermos uso, em nosso dia a dia, sobre essas diferenças entre as diversas escritas, as dificuldades e erros ortográficos serão amenizados.

Linguagem na internet

Diante de uma observação feita em relação à escrita dos internautas, (...) pude observar diversas e incríveis formas de abreviar as palavras, (...): nós, seres humanos, temos um grau de inteligência incrível!

Confesso que me interessei muito pelo assunto, sempre utilizo este tipo de linguagem, que, por sinal, descobri, já tem até um nome: o internetês, mas nunca havia parado para refletir no porquê destas abreviações. Considero que a internet é um meio que exige muita agilidade e a escrita por abreviaturas faz com que isto seja possível, simulando assim a rapidez com que também falamos. Existem inúmeros programas (...) teclamos com diversas pessoas de qualquer local do planeta, e o melhor: em tempo real.

Aprofundei-me um pouco mais no assunto e descobri que um dos objetivos desta linguagem é a proximidade da língua falada. Esta forma de escrita já faz parte do dia-a-dia virtual da maioria das pessoas e mesmo aqueles que não estão muito adaptados não podem ig-

norá-la, levando em consideração que a linguagem está sempre sujeita a sofrer alterações, isso não quer dizer que agora estamos livres para escrever da forma que nos convém, podemos usar abreviações com total liberdade e sem nenhum desconforto nas páginas de relacionamentos mas, logicamente, devemos ter bom senso e saber que em momentos formais devemos utilizar a linguagem culta.

Alguns pais se preocupam muito com a utilização desta linguagem pelos seus filhos; muitos acreditam que utilizando este tipo de linguagem, o português será prejudicado. Uma forma para resolver isso é incentivá-los à leitura.

E para descontrair um pouquinho, aí vai, dos internautas, o dicionário, que, particularmente fiz pensando nas abreviações que eu mesma mais utilizo.

Vc - você	add - adiciona	vlw - valeu	mto- muito	bjs-beijos
Xau- tchau	q - que	pq - porque	tbm - também	c- com
p- para	c - se	fds - fim de semana	qto - quanto	qdo- quando
Msg- mensagem	Qse-quase	aki - aqui	kra - cara	tc - teclar
T+ até mais	Vdd- verdade	sdd - saudade	qr - quer	BFD - bom fim de semana
rs- risos	Nuss -nossa	Neh- não é?	n - não	s - sim

quadro **2**

A ESCOLA CONTEMPORÂNEA

À escola cabe disponibilizar cursos de informática básica às técnicas sofisticadas, pois o computador, aliado à internet, estabeleceu novos modos de vida e novas concepções, uma vez que a linguagem, fonte de maior distinção entre o reino humano e os demais reinos, ocupa espaço científico e é alvo de interessantes estudos linguísticos. Com o advento da produção e da compreensão de textos e da reflexão profunda de entender o "erro" como tentativa de acerto para alcançar a correta escrita, conforme preceitua a língua culta, as novas tecnologias comparecem ao cenário da comunicação como meios para persuadir o telespectador.

O docente deve buscar informações acerca de estratégias e artifícios utilizados na arte de persuadir e repassá-los ao corpo discente como um dos caminhos para que o aprendente assimile, desenvolva e pratique a leitura crítica dos diferentes textos, para assegurar e defender um ponto de vista estruturado por argumentos claros, concisos e consistentes.

Para Vera M. H. de Araújo (1994, p. 38) apud Siqueira (Op. Cit, 1999, p. 24):

> No mundo atual, em rápida transformação (...), a informação não interessa mais apenas a cientistas e tecnólogos (geradores e usuários de conhecimento). Agora, a informação é um fator fundamental para a própria reprodução do capital, atuando diretamente no sistema produtivo - seja na produção propriamente dita, seja na administração dos fatores clássicos de produção (recursos naturais, trabalho e capital, mediados agora pela tecnologia). A informação é, assim, componente essencial no processo de tomada de decisão econômica e política(Idem, 1994, p.38).

As crianças, antes de adentrarem à escola, familiarizam-se às novas tecnologias. Diante dessa realidade, o docente precisa conhecer e dominar instrumental tecnológico para aplicá-lo, em sua competência cotidiana e didática e nas transposições didáticas por meio transdisciplinar, conteúdo, competência e conhecimentos a aprendentes inseridos em um mundo regido pela tecnologia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este estudo constatou-se a inclusão de novos vocábulos e novas escritas para referirem-se aos acessos tecnológicos. A escola não pode permanecer à margem das novas conquistas quando a tecnologização impera, inclusive na ordem do discurso reconhecido como tecnologizado e à fala. Todos esses movimentos são definidos pelo sujeito da ação histórico-social; o homem dita as normas que valem para a comunicação contemporânea nas mídias por ele criadas e a ele disponibilizadas.

Os resultados da atuação docente familiarizada às novas tecnologias ganharão espaço e consistência junto ao alunado. Ao utilizar práticas e conhecimentos acumulados e adequá-los ao contemporâneo, o professor mostrará novos caminhos para que o aprendente detenha as modalidades escritas, manuscritas, digitalizadas e tecnologizadas, não descartáveis nestas e nas próximas gerações.

O espaço acadêmico torna-se, então, um momento dinâmico em tempo real sem perder de vista a motivação e a prática da língua e a atividade de ressignificar o sentido dos programas da mídia na leitura crítica dos meios de comunicação e ratifica valor e importância do ato de ler em diferentes tipologias e gêneros do discurso.

REFERÊNCIAS

KENSKI, Vani Moreira. ***Educação e tecnologias***: o novo ritmo da informação. 4ªed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

LANDOW, G. ***Hipertext*** **- The Convergence of contemporary Critical Theory and Thecnology.** Baltimore and London; The John Hopkins University Press, 1992.

LEIRO, J. ***Sistemas hipertexto para microcomputadores***: uma aplicação em informação cientifica de Brasília, 1992. Dissertação de Mestrado.

LEVY, P. ***O que é o virtual?*** São Paulo; ed. 34, 1993.

PERRENOULD, Philippe. "*10 Novas Competências para Ensinar*". – Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 2000.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. *A ciência na televisão*: mito, ritual e espetáculo. São Paulo: Annableme. 1999.

http://espacoeducar-liza.blogspot.com/2009/08/projeto-o-jornal-em-sala-de-aula.html acessado em 20/04/2010.

CAVASSIN, Millena. Curso de Administração. Faculdade Doutor Leocádio José Correia - FALEC-Curitiba-PR 1º ano, 1º período – 1º semestre de 2010.

http://fatosnoespelho.blogspot.com/2010/08/livro-digital-e-desconhecido-por-67-dos.html

http://www.pedagogia.brasilescola.com. Castro, Amélia Hanze de, acesso em 20/04/2010.

http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/mais-de-60-dos-brasileiros-nao-sabem-o-que-e-e-book/157418.

http://economia.estadao.com.br/noticias/not_32162.htm acessado em 18/08/2010.